



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

**Nilda Jacks, Marcia Benetti Machado e Karla Muller
Alan Neiva dos Santos, Raquel Casiraghi e Raquel Castedom (UFRGS)**

**Hermanos, pero no mucho:
o jornalismo narra o paradoxo de fraternidade
e rivalidade entre Brasil e Argentina¹**

RESUMO: Este texto apresenta brevemente os resultados da pesquisa “A representação da Argentina e dos argentinos na imprensa do sul do Brasil”, realizada em parceria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com o Instituto de Desarrollo Económico y Social/ Buenos Aires. A pesquisa analisou como os jornais Zero Hora, Correio do Povo e Diário Catarinense retratam a presença dos turistas argentinos em solo brasileiro. Apresentamos o quadro geral de como os jornais se comportam e nos detemos na análise da expressão “hermanos”, incorporada pelo discurso jornalístico em um movimento que vai do pólo da integração ao da rivalidade.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo, discurso, identidade.

“Quando se fala em *hermanos*, sempre vêm à mente os argentinos”

(ZH, 15/2/2001)

“*Hermanos* estão mais comportados”

(CP, 24/1/2001)

“...enorme contingente de humanos e *los hermanos* que vêm de fora curtir nosso verão”

(DC, 21/1/2001)

O presente texto constitui-se na exploração de um aspecto relevante identificado¹ no desenvolvimento da pesquisa “A representação da Argentina e dos argentinos na imprensa sulina”, recentemente concluída.

A palavra “hermanos” é usada muitas vezes para referir-se indistintamente aos habitantes da região do Prata, contudo, é para identificar os argentinos que é tomada majoritariamente, como ficou evidenciado na análise dos jornais gaúchos Zero Hora e Correio do Povo e do “barriga verde” Diário Catarinense. Nas matérias analisadas para a pesquisa citada acima, surgiram inúmeras situações, muito diferentes entre si, **em que** a palavra “hermanos” foi recorrente para nomear os argentinos, tomando diferentes sentidos e tonalidades, como veremos. Os paradoxais sentimentos de rivalidade e

¹ Posto em relevo também pelos coordenadores do Programa de Investigaciones Socioculturales en el Mercosul/ IDES, os quais solicitaram a análise desta questão.

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



fraternidade entre brasileiros e argentinos se expressam no discurso jornalístico do Sul do Brasil e o termo *hermano* compõe e revela parte desse discurso.

Trazemos aqui, de modo sucinto, os resultados da análise anterior, para mostrar como os jornais Zero Hora, Correio do Povo e Diário Catarinense² retratam a presença dos turistas argentinos em solo brasileiro, para depois nos determos na análise da expressão “*hermanos*”, incorporada pelo discurso jornalístico em um eixo que se movimenta do pólo da integração ao da rivalidade.

O estudo dos textos de Zero Hora (ZH), Correio do Povo (CP) e Diário Catarinense (DC), por meio da análise do discurso, mostra a grande carga de imagens preconcebidas que os jornalistas veiculam a respeito dos vizinhos platinos. No período analisado, a imprensa sulina representou os argentinos algumas vezes de modo positivo ou tensionado, mas majoritariamente como invasores, expansionistas, arrogantes, sovinas, onipresentes, mal educados, violentos, bêbados, inconvenientes, bárbaros, ridículos, matutos, valentões, gritões, abusados, vândalos, baderneiros, insuportáveis, arruaceiros, deselegantes, desobedientes, prepotentes e perigosos. Essas imagens foram detectadas em quatro temáticas principais – “comportamento (na praia e estradas)”, “consumo”, “violência” e “invasão” –, tratadas com sentido desfavorável, favorável e tensionado.

Esse tratamento, porém, não é uniforme entre os jornais, existindo diferenças significativas entre o Diário Catarinense³, de um lado, e os jornais gaúchos, de outro. O discurso do DC transcorre em um plano menos padronizado quanto às exigências jornalísticas de neutralidade e possivelmente está apoiado no fato de que o seu leitor é um sujeito imerso na realidade do turismo, convivendo a cada verão com o expressivo número de argentinos, o que significa presenciar seu comportamento e o efeito em seu cotidiano. Poderíamos dizer que parece ao jornalista que o leitor “sabe” do que ele está falando, pois provavelmente compartilham do mesmo sentimento, e essa crença acabaria por “autorizar” o jornalismo a tecer um discurso contaminado por valorações e opiniões, ácido e às vezes xenófobo.

Para os gaúchos a realidade é outra. Zero Hora e Correio do Povo optam, geralmente, pelo mesmo tom na cobertura de temas que dizem respeito aos argentinos: predominantemente informativo. Tanto ZH quanto CP privilegiam os assuntos políticos e econômicos que envolvem a Argentina, com destaque para a economia rural e para os temas relativos à política interna daquele país e às relações exteriores que podem de algum modo afetar o Mercosul. Durante os meses de veraneio, os turistas argentinos merecem o acompanhamento das questões de segurança nas estradas e dos casos em que são vítimas da violência em solo gaúcho. Talvez porque eles não sejam presença tão marcante no litoral gaúcho, sendo o Rio Grande do Sul, na maior parte das vezes, um corredor de passagem para as praias catarinenses, os jornais gaúchos tenham um discurso menos agressivo.

Os números ajudam a compreender as diferenças de importância e tratamento. Foram publicados, no período de análise, 109 textos envolvendo turismo e argentinos nos três jornais. Destes, 56% foram veiculados pelo DC, 25% por ZH e 19% pelo CP. Com relação aos sentidos, 48,6% dos textos faziam uma representação hegemonicamente desfavorável dos argentinos, 24,8% os apresentavam de modo favorável e 26,6% exibiam uma representação tensionada – considerando-se aqui a tensão visível entre o favorável e o desfavorável, e não a pretensa neutralidade. Se somarmos a representação desfavorável à tensionada, temos 75% de textos trazendo alguma imagem negativa dos argentinos.

Olhando os jornais separadamente, vemos que 64% dos textos do Diário Catarinense constituem uma representação predominantemente desfavorável. Essa imagem cai para 33% na Zero Hora e 23,8% no Correio do Povo. O jornal catarinense não apenas concede mais espaço ao tema, como também se sobressai pelo tom jocoso e agressivo de seus textos. Os argentinos são retratados pelo DC como

² Foram analisadas todas as edições dos meses de janeiro e fevereiro de 2001. Após o mapeamento de todos os textos que tratavam dos países do Mercosul, foram selecionados os textos referentes à Argentina e especificamente relacionados ao turismo.

³ Esse jornal pertence ao Grupo RBS, mesmo proprietário de ZH.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



“valentões” que dirigem em alta velocidade, bebem, brigam e andam nus pela praia, desrespeitam a cultura local e têm orgulho de associar sua nacionalidade a atos de vandalismo.

O discurso que expressa e reafirma o sentimento de rivalidade não é novo. Sustenta-se em uma formação histórica (ideológica) que nasce com a ocupação ibérica, circulando no imaginário social, portanto, há meio milênio⁴. Os discursos histórico e jornalístico se cruzam e se constituem mutuamente, emprestando um ao outro as suas parcelas de saber e legitimidade, bem como de hipérbole e imposição.

Hermanos: fraternos ou rivais?

A palavra *hermanos* aparece recorrentemente no corpus analisado, tanto para nomear os vizinhos do Prata e dos países do Mercosul – com uso predominante para os argentinos – como para dar sentido pejorativo às críticas a eles dirigidas ou, em casos mais raros, para conclamar a fraternidade entre brasileiros e eles.

Para proceder a análise foi retomado este corpus e mapeados a aparição e os sentidos da expressão “hermanos”, revelando que o termo – ou variantes como “hermano” e “hermana” – foi encontrado em 53 textos, nos três jornais, como mostra o quadro abaixo:

Quadro I- Uso da palavra hermanos

DESIGNAÇÃO	DC	ZH	CP	Total
Argentinos	17	16	1	34
Uruguaios	-	-	2	2
Paraguaios	-	1	-	1
Argentinos e uruguaios	-	3	3	6
Sem especificação	3	5 ⁵	2	10
TOTAL	20	25	8	53

Para além dos números e seguindo as categorias concebidas e aplicadas na fase anterior, identificamos o sentido hegemônico do termo como **desfavorável, favorável ou neutro**⁶, buscando ainda o tom dado à expressão e o seu significado mais específico⁷.

Seguindo mais uma vez a revelação dos números, detemo-nos na maior presença da expressão, a referida aos argentinos, para analisar o discurso que envolve a expressão.

Diário Catarinense

Coerente com sua idéia de representação dos argentinos como evidenciou a fase anterior da pesquisa, o jornal catarinense traz a expressão enunciada com sentido **desfavorável** em 11 dos 17 textos referentes aos argentinos.

Quadro II- O sentido da expressão “hermanos” no Diário Catarinense:

DESIGNAÇÃO	Favorável	Desfavorável	Neutro
------------	-----------	--------------	--------

⁴ A fase anterior da pesquisa dedicou um capítulo para a recuperação histórica da rivalidade entre brasileiros e argentinos, iniciada na disputa entre portugueses e espanhóis pela posse do território demarcado pelo Tratado de Tordesilhas.

⁵ Uma dessas designações referia-se diretamente aos integrantes do Mercosul, e outra, aos latinos.

⁶ As categorias originais eram favorável, desfavorável e tensionada, pois tratava-se da análise de textos e não de uma única palavra. Por isso, adotou-se o sentido neutro, identificado basicamente na substituição do substantivo gentílico.

⁷ Em uma leitura *prima facie* o termo basicamente substitui a nacionalidade do referente. Optamos por ir além dessa evidência, reservando o significado “gentílico” apenas para os casos em que o termo não tinha nenhum outro significado agregado.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Argentinos	3	11	3
Sem especificação	1	1	1
TOTAL	4	12	4

Em um deles, o caráter é francamente *xenófobo* e faz um jogo de palavras que parece querer excluir os argentinos da espécie humana: “É inadmissível (...) que as ‘otoridades’ estejam limitando horários para esse enorme contingente de humanos e *los hermanos* que vêm de fora curtir o nosso Verão”, diz o texto, que à primeira vista não se decide entre defender os turistas ou atacá-los, mas acaba por trair-se pelo tom irônico e pelo uso da expressão “hermanos”, que aparece como algo externo, agregado ao contingente de humanos.

É importante observar que a apreensão do significado – nem sempre evidente – pode se dar pela confluência do sentido geral do texto e do tom utilizado no contorno da expressão. Assim, *hermanos* aparece inferiorizando os argentinos, quando associado ao desdém, como no trecho “querendo fugir das frias e lotadas praias argentinas, onde a areia é grossa e os preços elevados, os ‘hermanos’ procuram os mais diversos lugares litorâneos no Brasil” e na matéria que diz que, apesar da “vantagem cambial dos ‘hermanos’”, quem estava aquecendo a economia eram os turistas gaúchos, paulistas e paranaenses.

Aparece representando ainda os argentinos como *desonestos*, ao narrar o suborno promovido pela Argentina junto à seleção peruana, para permitir a vitória por 6 a 0, em 1978, garantindo que a Argentina seguisse na Copa do Mundo (em texto provocativo dirigido “aos hermanos que nos visitam na temporada de Verão e aos que já vivem entre nós”), e *prepotentes*, como na notinha que diz que “os *hermanos* querem de volta o arquipélago [as Malvinas] que é dos ingleses há 168 anos”.

É com o sentido de estranhos e indesejáveis, porém, que a expressão aparece com maior frequência: “O sotaque dos *hermanos* ecoava em cada metro quadrado”; a Praia Brava “foi descoberta pelos ‘hermanos’ argentinos, que tomaram conta do local”; confirmaram-se as previsões de que “o Estado seria invadido pelos ‘hermanos’ logo no início de janeiro” – em todos os casos, tratados como invasores⁸.

A rivalidade se expressa pela associação dos “hermanos” a Maradona, quando o assunto é futebol, e pela aclamada superioridade da música brasileira, como na nota que criticava o comportamento dos argentinos: “Los hermanos só diziam palavrões, faziam brincadeiras de mau gosto e jogaram como puderam a música popular brasileira para baixo. É que a deles é melhor!”. Os tons emprestados à expressão com sentido desfavorável variaram do crítico ao desdenhoso, passando pelo pejorativo, indignado e resignado.

As 3 ocorrências **favoráveis** do termo representavam integração (“todos convivendo em harmonia, brasileiros e los hermanos”) ou apenas gentílico, em tom cordial e bem-humorado. Também as ocorrências com sentido **neutro** significaram integração ou referiam-se ao uso gentílico. Um exemplo de tensão entre a fraternidade e a rivalidade é este trecho de matéria sobre Balneário Camboriú: “Pouco depois, começaria a invasão dos *hermanos* argentinos, que consolidaram a economia regional e alavancaram o mercado imobiliário. O encontro de raças e culturas diferentes deu a Balneário o charme inconfundível e raro dos lugares onde você se sente cidadão do mundo”. Os “hermanos” invadiram o local, mas contribuíram para o clima cosmopolita.

Zero Hora e Correio do Povo

Zero Hora é o jornal que mais utiliza a expressão “hermanos”, usada em todos os sentidos. A referência aos argentinos, especificamente, se dá em 16 textos, sendo 9 com sentido **neutro**, para representar apenas o substantivo gentílico.

Quadro III- O sentido da expressão “hermanos” na Zero Hora:

	Favorável	Desfavorável	Neutro
Argentinos	1	6	9
Paraguaios	-	-	1
Argentinos e uruguaios	-	1	2
Sem especificação	2	-	3
TOTAL	3	7	15

⁸ Essa foi uma das temáticas recorrentes encontradas nas matérias analisadas na primeira parte da pesquisa.

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



A diferença fica a cargo do tom, que varia do adequado ao crítico, passando pelo cordial e pelo bem-humorado. Também nesse nível o termo ganha uma certa tensão vinda do texto, como na expressão “a maioria dos hermanos”, logo depois de falar da “multidão de argentinos” que invadia a praia. Outro exemplo – estabelecido pelo tom de crítica ao comportamento da elite – é o da nota segundo a qual o então presidente Fernando de la Rúa conclamava os argentinos a ficarem no país (“de acordo com os cálculos do Ministério de Turismo, 6 milhões de hermanos devem viajar para o exterior”), enquanto seus filhos estavam no Marrocos e na uruguaia Punta del Este.

As 6 ocorrências **desfavoráveis** associam os “hermanos” a seres sovinas, petulantes, irresponsáveis, rivais ou de mau gosto. São *irresponsáveis* na estrada: “apesar da vigilância da polícia, muitos *hermanos* continuam abusando da velocidade nas rodovias gaúchas”. São *petulantes*: “os hermanos se sentem em casa em Capão da Canoa e Xangri-lá”. São *sovinas*: “os hermanos estão gastando muito pouco no litoral gaúcho este ano” e “os hermanos (...) gastam apenas o necessário”. São de *mau gosto* para consumir, pois compram “dúzias de coca-cola 2 litros para levar para casa”, e para se vestir, já que “os homens são facilmente identificados por aquelas bermudinhas xadrez de algodão”.

Vemos aqui como o tom desdenhoso e debochado ajuda a conferir um sentido desfavorável, deixando implícita a noção de que os brasileiros não apenas seriam diferentes dos argentinos, mas também muito melhores.

A noção de que somos melhores, ou pelo menos teríamos mais motivos para ser otimistas, revela-se no tom irônico da nota que narra o resultado de uma pesquisa mundial sobre como as pessoas avaliavam a possibilidade de ajuda internacional a seus países, segundo a qual a Argentina figurava entre as mais pessimistas: “Mais sorumbáticos que os hermanos só Ucrânia, Turquia, Bolívia, Coreia, El Salvador e Zimbábue”.

Os argentinos são tratados claramente como *rivais* quando o tema é futebol, no caso um amistoso de futsal entre as seleções, pois “a reação dos hermanos foi imediata” após um gol brasileiro em um jogo onde “prevaleceu a lógica”, pois o Brasil venceu de 6 a 2.

É sintomático ainda que a única ocorrência favorável em ZH represente apenas o gentílico, ou seja, substitua sem outros significados a nacionalidade do referente.

Também é digno de nota que o jornal Correio do Povo trouxe no período apenas uma ocorrência específica sobre os “hermanos” argentinos, e a expressão cumpriu uma função **neutra**.

Quadro IV- O sentido da expressão “hermanos” no Correio do Povo:

	Favorável	Desfavorável	Neutra
Argentinos	-	-	1
Uruguaios	1	1	-
Argentinos e uruguaios	2	-	1
Sem especificação	-	-	2
TOTAL	3	1	4

A pesquisa prossegue: a pretexto de conclusão

Diante da evidência de que o termo “hermanos” foi mais identificado para nomear os argentinos e de que o jornal Zero Hora é o de maior expressão e o segundo em circulação entre os jornais analisados, estamos tratando de recuperar a trajetória da utilização do termo nesse jornal, com o objetivo de recompor o cenário em que isso acontece. Outro motivo para fazê-lo em ZH é porque o jornal está indexado



parcialmente (de 2002 ao segundo semestre de 1988) por um sistema que armazena as matérias publicadas, o que facilita a recuperação dessa informação⁹.

Como o levantamento sobre o uso do termo está em andamento, apresentamos abaixo os números parciais das aparições, pesquisados no sistema indexado:

Quadro V – Recuperação no Sistema Fólio

2001	2000	1999	1998/199	1996/1995	1994/1992	1992/2 a
			7			88/2
156	212	82	117	35	10	30

Observamos que em todo o período a maior incidência da palavra ocorre nas colunas de Economia, Cultura e Geral.

Do primeiro semestre de 1988 a 1964, ano de fundação de ZH, a pesquisa está sendo realizada no arquivo de microfimes, com levantamento em todos os meses de Janeiro, mês de maior fluxo do turismo argentino¹⁰ em território brasileiro. Os resultados parciais são:

Quadro VI- Recuperação no Arquivo de Microfilmes:

88/1	87	86/85	84/83	82	81	80	79/77	76	75/74
-	1	-	-	2	4	2	-	1	-

Observamos que nesse período as sessões onde o termo mais aparece são Opinião, Esporte e Turismo.

Também estamos atentos aos sinais que indiquem o período em que **se tornou** mais freqüente o uso do termo *hermanos*, com o objetivo de identificar fatos, motivos, acontecimentos que possam ter deflagrado a incorporação do termo pelo jornalismo exercido em ZH.

⁹ O Sistema chama-se Fólio e está configurado de maneira que de 2002 ao primeiro semestre de 1992 as matérias estão registradas na íntegra, e do primeiro semestre de 1992 ao segundo de 1988 somente os títulos. Além disso, de 2002 até 1999 os dados estão dispostos anualmente e de 1998 estão por períodos (1998/1997, 1996/1995, 1994/1992 e 1992/2 a 1988/2). Todas as edições do jornal estão microfilmadas, portanto, de 1988 até 1964, ano de sua fundação, a consulta será feita por amostragem. O Sistema disponibiliza 13 editorias, mais a capa e contracapa.

¹⁰ Em ZH, a zona branda é composta pelas editorias de polícia, verão/ turismo, geral e esporte.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Nesse sentido, foi encontrada uma reportagem (09/01/83) afirmando que em 1980 houve uma grande leva de argentinos, os quais, até então, vinham pouco para o litoral gaúcho, porque era mais barato ir para Mar del Plata. Também foi observado que em 1983 ZH já se reportava à presença dos turistas argentinos como “invasão”. Em Fevereiro de 2000 o Segundo Caderno, dedicado aos assuntos culturais, publicou uma edição relativa à relação entre brasileiros e argentinos, intitulada *Briga de Vizinhos*, cujas matérias chamavam-se: *Eles, os argentinos; Eles, os brasileiros; Uma disputa braba; Incompreensões cambiais e Uma rivalidade histórica*. Essa é uma pequena amostra da importância que o assunto possui para o jornalismo sulino.

Apesar de o mapeamento histórico do uso da expressão *hermanos* ainda não estar concluído, a análise qualitativa expressa aqui permite-nos afirmar que o termo compõe a formação discursiva que constitui (e institui) o texto jornalístico sobre a rivalidade entre Brasil e Argentina. A despeito do seu sentido em princípio “evidente” – o de que somos irmãos –, parece difícil, ao jornalismo do sul do país, associar os *hermanos* a situações que mereçam aprovação, admiração ou reconhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FORD, Anibal; MARTINI, Stella; MAZZIOTTI, Nora. Construcciones de la información en la prensa argentina sobre el Tratado del Mercosur. In: CANCLINI, Néstor García (coord.). *Culturas en globalización. América Latina- Europa- Estados Unidos: livre comércio e integración*. Buenos Aires: CNCA/ CLACSO/ Nueva Sociedad, 1996.
- GINESTA, Jacques. *El Mercosur y su contexto regional e internacional*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1999.
- GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto (coord.) *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1992.
- GRIMSON, Alejandro (comp.) *Fronteras, naciones e identidades. La periferia como centro*. Buenos Aires: Ediciones Ciccus- La Crujía, 2000.
- JENSEN, Klaus Bruhn. *Making sense of the news*. Aarhus: Aarhus University Press, 1986.
- LUNA, Felix. *Breve história de los argentinos*. Buenos Aires: Planeta/ Espejo de la Argentina, 1999.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922- 1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1993.
- SCHMEIL, Lilian. *Alquilase una isla: turistas argentinos em Florianópolis*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.
- TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Revista *Comunicação e Linguagens*. Lisboa: Vega, 1993.